



DEADLY DIVINE DUET
BOOK TWO

WRATH OF THE DAMNED

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
ELLA FIELDS

ÍNDICE

PÁGINA DE TÍTULO

ÍNDICE

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

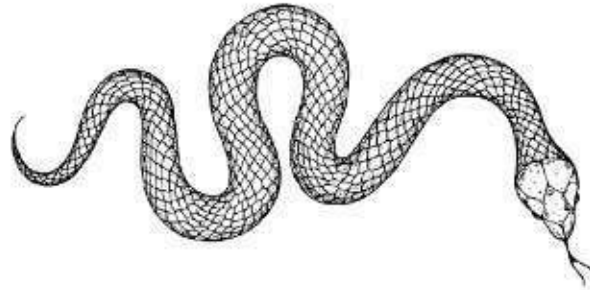
TRINTA E SETE

EPÍLOGO

MAIS ROMANCE DE FANTASIA POR ELA

DEADLY DIVINE DUET
BOOK TWO

WRATH OF THE DAMNED



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
ELLA FIELDS

Ira dos Condenados
Direitos autorais © 2023 por Ella Fields

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, copiada, revendida ou distribuída de nenhuma forma, ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, sem a permissão por escrito do autor, exceto por breves citações dentro de uma resenha.

Este livro é uma obra de ficção.
Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Edição: Jenny Sims e Natasha Qureshi
Formatação: Stacey Blake, Champagne Book Design
Design da capa: Sarah Hansen, Okay Creations

Para as almas forjadas na escuridão que as quebrou

ÍNDICE

PÁGINA DE TÍTULO

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

CATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

EPÍLOGO

MAIS ROMANCE DE FANTASIA POR ELLA

ONE

Túlia

O aviso dele se enterrou dentro de mim e penetrou em meus ossos cansados.

Tenho uma esposa para punir.

Meus joelhos tremeram. Assim como meu coração quando finalmente respirei fundo. Meus olhos nadaram sobre o crescimento mais grosso na mandíbula de Florian até sua garganta.

Uma garganta que eu já beijei — adorei com meus lábios, língua e dentes.

Uma fome desesperada pulsava.

Minha boca secou, a necessidade de me alimentar quase apagou toda a racionalidade.

O cócegas da lâmina rompeu a nuvem. A realidade retornou quando o aço deixou minha pele para levantar um pouco do meu cabelo ensanguentado.

A voz de Florian caiu, aprofundou-se enquanto ele abaixava meus sujos cachos loiro-brancos. “Vejo que o encontro com o amado pai foi bem.”

A faca na minha própria mão era fina e leve demais. Meu braço ainda tremia quando a levantei para aquela garganta adorável. Mas antes que eu pudesse avisá-lo para não me tocar, por todo o bem que isso faria, suas narinas se dilataram.

O saco que ele trouxe consigo caiu no chão com um baque estranho.

“O que ele fez com você?” Quando não respondi, ele gritou: “Gane.”

Eu estremei com o volume. Com a força escura do seu olhar, que se recusava a deixar meu rosto, embora eu ainda não tivesse encontrado aqueles olhos azuis. Eu sabia que quando o fizesse, com ele parado tão perto que eu estava dominada pelo seu cheiro, eu estaria acabada.

O goblin voltou correndo de onde quer que estivesse escondido, provavelmente na cozinha. Olhei para o maxilar cerrado de Florian, esperando essa punição. Minha respiração encurtou. Céus, eu meio que esperava que ele simplesmente me matasse para que o tormento dos meus fermentos não existisse mais.

O cobertor escorregou pelo meu ombro, expondo-o enquanto a faca erguida oscilava com os tremores crescentes em meus membros. A ponta roçou sua pele. Ele não pareceu notar.

“Sinto cheiro de ferro.” As palavras ásperas eram quase uma pergunta.

Meu braço caiu, a arma que eu era fraco demais para segurar, muito menos usar, completamente ignorada. Finalmente, eu me rendi e deixei meus olhos subirem até os dele.

Mas Florian olhou para meu ombro descoberto.

Supus que sua intenção assassina não me permitiu avaliar o que eu estava fazendo desde que escapei de seus supostos assassinos.

Até agora.

O rei do inverno deu um passo para trás. Suas feições se enrugaram enquanto suas sobrancelhas abaixaram com seus olhos sobre meu corpo meio escondido. “Você está nu.”

Assim que aquelas palavras murmuradas saíram de sua boca, sua lâmina atingiu o chão com um barulho assustador. O rubi solitário no punho capturou os últimos raios de luz do dia flutuando através das altas janelas retangulares da biblioteca quase ignorada de Crustle.

“Butterfly,” ele disse, baixo e rouco. “Por que *diabos* você está nua?”

Pisquei para sua adaga, balançando levemente. Minha boca se abriu. Fechou. Abriu novamente. Mesmo se eu quisesse, não conseguiria responder a ele.

“Gane,” ele disse, seu olhar pressionando mais forte sobre mim. “Pegue uma capa ou casaco no apartamento.”

Olhei para o goblin que estava a alguns metros atrás de Florian. Seus óculos balançaram com seu aceno veemente. “Imediatamente, senhor.”

Confuso, observei enquanto ele corria para a porta pela qual eu tinha caído. Ele a havia fechado desde minha chegada, e fez isso novamente depois de rastejar até o patamar da escadaria além para fazer o que o rei de Hellebore havia ordenado.

Foi então que eu vi.

À frente.

A cabeça de Fellan rolou do saco perto das botas de Florian. Olhos escurecidos de ódio agora estavam congelados para sempre de medo. Um vislumbre de longos cabelos castanhos revelou outra cabeça lá dentro.

Mais duas cabeças, eu sabia.

Agarrei o cobertor com mais força, sem querer acreditar. Não esperava ter a capacidade de ficar enjoado depois de tudo o que aconteceu. Um gosto de cobre corroeu minha língua. Bile subiu pela minha garganta.

Eu empurrei para baixo e olhei para Florian. “Por que você é tão familiar com Gane?”

Ele estava tão parado que não consegui ver seu peito se erguer enquanto eu franzi a testa para ele, esperando. Seu maxilar parecia bater em sintonia com cada batida lenta do meu coração. Seus olhos permaneceram presos ao meu ombro exposto.

Quando ele finalmente falou, ele o fez muito suavemente e entre dentes. “Vire-se, Tullia.”

Minha risada era ofegante e azeda. “Não vou aceitar ordens suas de novo.” Ainda segurando a faca, eu a levantei. “Prefiro que você me mate do que enfrentar mais tormento e mentiras.” Eu estava orgulhoso de que, apesar da minha luta para ficar de pé, minha voz estava firme. Mais suave do que eu gostaria, mas firme mesmo assim.

Florian não sorriu nem piscou. Eu presumiria que ele não tinha me ouvido até que seu olhar encontrou o meu.

Ele estudou meus olhos como se tivessem mudado, como se tentasse ler cada memória manchada de sangue que eu carregaria para sempre se, de alguma forma, eu sobrevivesse a ele.

Então ele se moveu para o meu lado.

Dei um passo para trás, incapaz de conter um grito quando pisei em um livro caído.

Uma dor explosiva subiu pelas minhas costas. Eu me encolhi na cintura, tropeçando em mais livros podres enquanto tentava em vão fugir de mais um monstro.

Mas o monstro se agachou diante de mim.

Eu congelei, curvado e respirando entre dentes rangendo como o animal ferido que eu era. Desequilibrado e tonto, a faca foi facilmente tirada dos meus dedos. Ela foi jogada para o lado com um barulho que me deixou tenso.

Meus músculos se contraíram e eu engoli um gemido.

Florian percebeu. Seus lábios se apertaram antes de ele cortar, “Sente-se.” Quando eu apenas continuei a encará-la, sua mandíbula afrouxou. “Tullia, sente-se.”

A cadência mais suave fez meus joelhos abaixarem até o chão de madeira antes que meu cérebro pudesse ordenar que meu coração ficasse fora disso. “Eu não sou seu bichinho de estimação, Florian”, eu disse, quase implorando. “Só me deixe em paz.”

“Eu não posso fazer isso.”

Meus olhos se voltaram para os dele, e as lágrimas turvaram minha visão.

Cuidadosamente, ele tirou fios manchados de sangue da minha bochecha e os colocou atrás da minha orelha.

Precisei de toda a força restante que eu tinha para não recuar e me enrolar mais para perto. “O que você quer?”, resmunguei. “Se você deseja finalmente me matar, então aqui está sua chance. Eu dificilmente estou em posição de lutar.”

Palavras tolas de se dizer, mas tudo que eu queria era me encolher no chão e afundar no esquecimento. Eu precisava que a dor acabasse—que toda ela acabasse.

Os dedos de Florian pararam, depois caíram. Suas feições pareceram empalidecer.

Gane retornou, a pequena porta rangendo ao fechar e seus passos se aproximando por trás. “Ela precisa de um curandeiro, senhor. Desesperadamente.”

Florian tirou o manto dele, seu olhar nunca deixando o meu. Ele colocou o veludo violeta ondulado que antes era de Rolina ao meu redor, o cobertor há muito tempo grudado nas feridas nas minhas costas.

“Uma bruxa pode até ser capaz de removê-lo se nos apressarmos.”

Não havia como remover nada do que tinha acontecido. A calma assustadora na energia tensa de Florian e sua voz diziam que ele sabia. “Isso é tudo, Gane.”

Eu reconheci aquela calma. Era o tipo que avisava que a fera sob sua pele estava prestes a se libertar para arrancar membros de corpos congelados.

Florian se levantou e pegou minha mão.

Mas eu não conseguia fazer isso. Não por causa de quem ele era e o que ele tinha feito e tudo o que ele ainda poderia fazer, mas porque o pensamento de me mover um centímetro tinha alojado uma lança de medo em meu coração.

Percebendo isso, Florian se abaixou e avisou: “Isso vai doer, mas precisamos ir”.

Antes que eu pudesse protestar, fui agarrado. Eu gemi, meus dentes afundando no decote de sua camisa de seda quando ele me levantou do chão da biblioteca.

Ele me segurou pelas costas e eu agarrei seus ombros enquanto ele dizia: “Segure firme”.

“Ela foi marcada, senhor. Ele brutalizou os seus próprios...” O goblin limpou a garganta, como se tivesse recebido um olhar que eu não conseguia ver do rei. “O que mais eu posso fazer?”

Meus olhos se fecharam. Meus dentes rasgaram a camisa de Florian enquanto o mundo escurecia e rajadas de neve dançavam. Não havia como escapar dele agora, e eu não tinha luta suficiente dentro de mim para sequer me importar que não tinha tentado.

Florian murmurou com a mesma ameaça que havia demonstrado antes: “Suas ordens continuam as mesmas.”

A jornada para dentro das fendas ameaçava fraturar cada osso balido. O aperto de Florian aumentou, uma mão se movendo para a parte de trás da minha cabeça. Nós nos

materializamos com um choque que me fez gemer e morder sua camisa com tanta força que meus dentes perfuraram sua pele.

O gosto dele foi uma explosão. Um remédio que eu nunca quis precisar.

Engoli-o sem hesitação, então imediatamente suguei mais de sua essência em minha boca. Enojada comigo mesma, tentei parar depois de engolir novamente. Este macho tinha a intenção de me assassinar. Era inteiramente possível que ele ainda o fizesse.

Mas ele gentilmente empurrou minha cabeça. "Beba, borboleta."

E assim eu fiz, mesmo quando meus olhos se abriram e eu absorvi o quarto de Florian. As chamas morrendo na lareira e as cortinas cobrindo as portas da sacada confortavam e alarmavam.

"Majestade?"

Olino.

Minhas pernas se prenderam na cintura de Florian enquanto ele se abaixava para a cama, e eu me preparei para a dor se intensificar. Não se intensificou. Com a mão na minha bunda, ele me levantou um pouco, então me colocou no colo dele enquanto eu continuava a me alimentar.

Minha sucção frenética diminuiu quando ele passou os dedos sobre minha cabeça e ordenou rispidamente: "Mande Fume buscar Darva."

Houve uma pausa antes de Olin falar. "Você quer que ela venha aqui?"

Florian deve ter dado ao mordomo um olhar que dizia que ele não queria se repetir. Olin murmurou, "Vou mandar chamar o general imediatamente," e então as portas se fecharam com sua saída.

Uma tempestade presa dentro de uma pedra.

O macho que me segurava fervia de tensão e emanava uma fúria que eu não ousava parar de beber para tocar. Sua insistência para que eu me alimentasse dele, e seu abraço cuidadoso, enviaram meus pensamentos nublados ao caos.

Se ele realmente queria me matar, talvez ele quisesse que eu tivesse mais saúde para me usar um pouco mais primeiro. Talvez ele estivesse apenas furioso porque seu bichinho de estimação tinha sido adulterado. Manchado. Irreversivelmente marcado.

Não adianta mais nada para ele.

Eu não sabia. Tudo o que eu sabia era o resfriamento do sangue em minhas veias enquanto eu o bebia com preguiçosa ganância. Tudo o que eu sentia era a tensão deixando meus membros e um calor se espalhando que entorpecia um pouco da miséria que eu temia que nunca acabasse.

A exaustão arrastava e atraía.

Eu lutei contra isso, querendo mais dessa magia e esperando que ela consertasse tudo — o tempo todo sabendo que não consertaria. Conforme o medo pelo meu destino aumentava o ritmo do meu coração, eu empurrei contra o peso das minhas pálpebras.

Sentindo isso, esse rei que havia planejado me destruir acariciou meu cabelo. "Você está segura", ele jurou com uma suavidade que cortou meu peito. "Durma."

Seria um erro acreditar em qualquer coisa que ele dissesse, e eu já tinha cometido muitos erros como esse.

O que eu acreditava não importava. Preso nos braços de um rei com gelo no coração, me foi dada a única opção que ele dava a todos.

Rendição completa.



A consciência veio em ondas de fogo entorpecido pelo sangue e alívio morno.

Florian não se moveu do lado da cama.

Com exceção de acariciar meu cabelo emaranhado, ele permaneceu imóvel. Palavras murmuradas de encorajamento me cumprimentavam sempre que eu retornava ao mundo, com minha língua imediatamente lambendo a bagunça que eu tinha feito em seu pescoço.

Acordei pelo que temi que fosse a última vez, pronto para cravar meus dentes na carne de Florian, quando uma dor horrível e de tirar o fôlego varreu minhas costas doloridas. Tentando me virar para rosnar para a presença atrás de mim, vacilei ao ouvir a voz feminina.

Era gentil, mas forte, como o chamado matinal de um pássaro. “Só precisamos remover o cobertor.”

Agarrei-me ao som, ignorando o aperto mais forte de Florian e seu pedido rude para me acalmar.

“Não,” eu disse, áspera. “Não me toque.”

Sua voz novamente. “O tecido está grudado em suas feridas, Vossa Majestade.”

Eu me afastei do peito de Florian, me sentindo mais forte, mas ainda tão insuportavelmente quebrada. “Não me chame assim.” Minha cabeça girava e girava. O fogo queimando na lareira era um borrão no qual eu tentava focar até minha visão clarear.

Os ombros de Florian estavam rígidos sob minhas mãos apoiadas. Meus braços tremiam quando eu empurrei para ganhar alavancagem para sair do seu colo.

Ele ficou ainda mais tenso, e o calor da proximidade da fêmea nas minhas costas recuou. “Tullia.” Gentilmente, ele agarrou meus braços quando tentei sair novamente. “Olhe para mim.”

A sala começou a girar. O pânico acelerou meu batimento cardíaco.

Minha voz estava tensa, desconhecida para meus próprios ouvidos. “Solte-me.” Meu peito arfava. “Solte-me.” A respiração não vinha, tornando minha ordem desesperada e ofegante. “Solte-me, Florian.”

Suas mãos caíram sobre a cama.

Mas eu não me mexi.

Recuperei o fôlego enquanto o encarava. Minha visão turva fez seu olhar azul parecer agitado. Fechei os olhos e desejei que minha respiração se acalmasse. Desejei que esse pesadelo sem fim desaparecesse. Que me deixasse em paz, porra.

Não iria. Não podia porque não tinha acabado.

Clareza cutucou. Só o suficiente para eu entender que quem quer que fosse essa estranha, ela estava aqui para me ajudar.

Florian confirmou isso. “Darva é uma bruxa, borboleta e uma curandeira confiável. Ela não quer lhe fazer mal.”

“Eu sei, mas...” Minha cabeça balançou. “Dói demais.”

Florian exalou, o som pesado estremeceu seu corpo abaixo de mim. Abri meus olhos para descobrir que os dele estavam fechados. Olhei para seus cílios longos e quase pretos, e para

a pressão firme de seus lábios. Quando ele finalmente olhou para mim, sua mão se moveu sobre a cama como se quisesse me tocar.

Ele não fez isso. Ele engoliu em seco. “Ela não pretende te machucar, mas para te ajudar, é inevitável.”

Procurei seus olhos, meus lábios manchados de sangue entre os dentes.

Depois de um momento, concordei com um aceno de cabeça.

“Alimente-se de novo,” ele insistiu, seu olhar estreito. Dentro daquele olhar espreitava um mar de escuridão velando emoções que eu só podia imaginar. Fúria e ansiedade pareciam ser as mais reveladoras, enquanto sua necessidade de falar, talvez para me encher de perguntas, continuamente separava e selava seus lábios.

Eu não cairia na armadilha em que aqueles olhos me enredaram antes, mas não havia como negar seu desejo genuíno de me ajudar. E embora eu não tivesse ideia de como essa bruxa faria isso quando eu não acreditava que nada poderia, ainda puxei a camisa arruinada de Florian para o lado e abaixei minha cabeça até seu pescoço.

Quando senti que ele assentiu uma vez, preparei-me.

Nenhuma quantidade de apoio ou alimentação importava.

Os braços de Florian me envolveram, apertados e mais inquebráveis do que qualquer gaiola dourada ou correntes de ferro, enquanto o cobertor era arrancado em um puxão rápido e violento.

Gritei enquanto a agonia percorria minhas costas em uma torrente interminável de chamas. Respirações ofegantes me deixaram em soluços.

Palavras foram sussurradas em meu ouvido. Palavras que eu nunca esperava ouvir. Não dele. “Sinto muito.”

Eu tinha a sensação de que ele não estava se referindo apenas aos cuidados da bruxa, mas essas palavras não fizeram nada para me acalmar. Nada poderia, pois a bruxa encharcou minhas costas com um líquido que chamoscou e chiou antes que ela o espalhasse sobre a pele arruinada.

O aperto de Florian suportou minha contorção.

“Não há como removê-lo,” ela disse quando seu toque misericordiosamente deixou meu corpo, seu tom gentil, mas prático. “Não sem arriscar sua vida.”

“Não,” eu cerrei os dentes. Eu não sobreviveria ao mero pensamento do que isso poderia implicar. “Só deixe.”

Florian e a bruxa não disseram nada por longos momentos. A dor logo se acalmou para um calor inquieto que eu nunca havia sentido antes.

“O entorpecimento está fazendo efeito”, a bruxa finalmente disse. “Mas olhando para isso... não acho que seja o suficiente. Acho que é melhor ela não sentir nada.”

Florian assentiu novamente. O som de despejar e misturar se seguiu. Um minuto depois, seu aperto afrouxou. “Beba,” ele disse.

Ele não se referia ao seu sangue, mas a uma mistura que espalhava um aroma leitoso por todo o quarto. Eu me levantei do seu peito e olhei com olhos turvos para o pequeno dedal de fluido.

“Se você deseja manter suas habilidades, precisamos remover o ferro antes que ele se acomode muito fundo”, ele explicou. Eu encarei o vapor subindo da mistura enquanto ele acrescentava, “É melhor você dormir para a extração.”

“Não.” O terror forçou as palavras a saírem. “Eu preciso saber...” Parei, incapaz de expressar isso corretamente. Não queria tentar.

As chamas crepitantes estalaram no silêncio.

“Você quer estar ciente do que está acontecendo com você,” Florian supôs, e quando eu não respondi, notei o pequeno tremor do líquido em sua mão. “Darva cuidará apenas de seus ferimentos. Ninguém entrará nestes quartos.” O sussurro foi áspero. “E eu ficarei até que ela termine.”

Continuei a encarar a bebida, tentado. Um gole e eu seria levado para longe de tudo isso. Mas isso não me impediria de retornar aos céus, só sei o quê.

“O tempo é essencial, Majestade”, disse Darva, “se quisermos remover a maior parte do ferro”.

Por mais inexpressivas que minhas habilidades parecessem para alguns, elas já tinham me salvado inúmeras vezes. Eu não queria que elas fossem impedidas ou, pior, perdidas para sempre. De qualquer forma, uma vida — qualquer que fosse a vida que me aguardava — vivia com ferro preso para sempre dentro da minha pele...

Peguei e joguei o líquido direto na garganta, mal sentindo o gosto do leite ácido.

Florian pegou o dedal de mim. Cuidadosamente, ele se levantou e me colocou na cama. “Deite-se, doce criatura.”

Eu estava além de me importar que a bruxa me visse nua. Muitas pessoas tinham visto, incluindo esse rei confuso e malicioso. Cautelosamente, me estiquei sobre a familiar cama cinza e deixei minha pesada cabeça cair no travesseiro.

Meus olhos se fecharam antes que o remédio para dormir fizesse efeito, o conforto da familiaridade e seu cheiro eram uma armadilha perigosa.

Passos soaram. A roupa de cama sussurrou e o colchão afundou quando a energia gelada de Florian invadiu. Abri os olhos e o encontrei deitado ao meu lado.

Meus membros ficaram quentes. Meu coração acelerado desacelerou. Meus olhos inchados ficaram pesados a cada piscada enquanto eu estudava a quantidade aumentada de pelos faciais sobre aquele maxilar esculpido por uma deusa e a firmeza daqueles lábios deliciosos.

Meus olhos encontraram um azul profundo do oceano quando ele tirou meu cabelo do meu rosto. Sua mão recuou para se dobrar sobre a minha na cama entre nós. “Feche os olhos, borboleta.”

As palavras ásperas e o calor do seu toque reconfortante o chocaram.

Antes que eu pudesse soltar minha mão, tudo ficou escuro.

TWO

Floriano

O fogo se alastrou e depois se apagou em um jato de cinzas pelo chão enquanto eu invadia o escritório.

Os gritos e soluços de Tullia eram tudo o que eu conseguia ouvir. Uma alma alterada dentro daqueles olhos escuros outrora brilhantes era tudo o que eu conseguia ver. E o corpo dela... Com uma maldição rugida, eu roubei a pilha de documentos que eu tinha negligenciado da minha mesa. Eles flutuaram por toda a sala na brisa gelada que eu trouxe comigo enquanto eu andava de um lado para o outro.

Por dias que pareciam não ter fim, eu interroguei e torturei. Eu tentei descobrir como diabos minha esposa conseguiu escapar do meu alcance.

Não havia respostas fáceis de serem fornecidas.

Os guardas que eu capturei contaram história após história cuidadosa sobre a ousada fuga de Tullia de sua escolta para chegar até seu pai.

Uma fuga que era uma completa besteira porque como alguém poderia compartilhar tudo o que tínhamos e então, de repente, decidir fugir? Depois de passar a vida inteira sem a habilidade de se materializar a menos que se sentisse ameaçada?

Eu discordaria completamente.

As trilhas que atravessavam a montanha em vez de descê-la, e a folhagem perturbada, juntamente com gotas do sangue de Tullia na estrada de terra, foram descobertas por mim e por meu mais confiável. Isso, e o relato de Henron de um cavalo de carruagem estar assustado demais para permanecer em seu estábulo, me levaram a questionar os guardas mais profundamente.

O desafio nos olhos de Fellan, as palavras curtas que ele usou em relação à minha companheira, foram o suficiente para confirmar que eles realmente fizeram algo com ela. Algo que a deixou tão aterrorizada que ela se materializou para escapar deles durante o que deveria ter sido uma viagem para a cidade.

Mas nós treinamos nossos guerreiros muito bem.

Nenhum deles entregou a verdade durante dias e noites de tortura que tipicamente nunca falhavam em fazer até mesmo a dobra mais estóica. Eu não precisava de suas confissões — nem precisava deles vivos para saber a verdade.

Eu só queria que eles sangrassem.

Para cada dia que ela esteve fora, algo foi tirado deles.

Só cessou quando recebi a confirmação do paradeiro de Tullia. Quando recebi a notícia de que Molkan estava preparando um baile para apresentar sua filha há muito perdida à sua corte insuportável. Eu sabia que ele machucaria Tullia de maneiras das quais eu não poderia salvá-la, mas eu tolamente pensei que ele a devolveria antes que isso acontecesse.

Que ele a usaria como alavanca para me impedir e a devolveria.

Ele não tinha. Ele sabia.

De alguma forma, ele sabia que a única maneira de finalmente conseguir me machucar era machucando ela.

Fume chegou e esperou na cadeira enquanto eu andava de um lado para o outro — enquanto eu lutava para lembrar por que eu não deveria simplesmente me materializar para Baneberry e matar cada babaca dentro daquele palácio pútrido. As proteções eram um problema que nem mesmo um coven inteiro de bruxas poderia quebrar, mas eu não me importei.

Eu estava pronto para escalar aquele muro e arriscar.

Eu não deveria ter feito o pedido para o retorno de Tullia. Era tão idiotamente fora do personagem que *deve* ter sido o que me entregou. E eu não deveria ter tornado isso mais óbvio dando ordens para nossos guerreiros marcharem. Eu deveria ter desenterrado minha porra de paciência de baixo das montanhas de medo e desespero e formado um plano melhor.

Eu não deveria ter feito saber que ela era minha esposa — a rainha de Hellebore. Não enquanto ele a tinha.

“Fale”, eu interrompi, incapaz de ficar parado, mas impaciente para saber o que havia sido descoberto.

Fume tinha algo. Ele sabia que não deveria me perturbar na semana passada, a menos que fosse necessário — e sabia que não deveria me arrastar para fora dos meus aposentos agora que Tullia havia retornado.

“Um dos nossos tem um contato que estava no baile. O contato vendeu a informação a ele por segurança e três bolsas de moedas.”

Frustrado, parei e rosnei: “Diga”.

“O baile foi planejado às pressas.” Seus olhos brilhantes fitaram além da minha mesa, para a lareira. “Mas estava bem frequentado. Tullia estava dormindo quando ele a viu.” Ele limpou a garganta. “Ele disse que ela estava em uma gaiola alta sobre um estrado. Quando ela acordou, e ele e a esposa viram o que estava acontecendo, eles acharam sensato ir embora.” Meu corpo inteiro congelou.

Gelo formava crostas a cada respiração e se enrolava sobre meus dedos cerrados.

“Tullia estava nua e atormentada”, disse Fume, irritantemente prático. “Isso é tudo o que ele sabe.”

“Atormentado?”, repeti, detestando a direção que minha mente tomou.

Fume assentiu uma vez. “Alguns tentaram tocá-la através das barras. A maioria riu e atirou comida e insultos.”

Meus olhos se fecharam, embora não houvesse como controlar isso.

As palavras usadas em excesso do meu pai assombraram mais uma vez. Permanecer nos arquivos obscuros do coração é acender consequências graves. Se você não consegue encontrar o equilíbrio, então não deve sentir nada.

Eu nunca consegui fazer o que ele fez.

Lembrando da casca de macho que ele se tornou nos anos antes de acabar com sua vida, eu não queria. Raiva era melhor que nada. Raiva mantinha o sangue fluindo e a alma faminta.

Nada deu tanto propósito quanto a vingança.

O gelo subia pelas janelas além da mesa.

O rangido do gelo sobre o vidro ecoou no silêncio, pois eu nem sequer tentei impedir que o inverno prevalecesse. Não havia muito sentido. Depois de descobrir o sangue do meu changeling naquela estrada de terra, ele havia varrido a terra dias atrás em nevascas.

Abri os olhos. "É isso é tudo o que ele testemunhou."

"É só isso", confirmou Fume.

Antes que eu pudesse agarrar as lapelas do seu casaco e exigir que ele me contasse mais — exigir que ele me trouxesse esse participante para que eu pudesse pessoalmente arrancar cada detalhe dessa bola sórdida do seu corpo — a náusea se agitou e roubou meu fôlego.

Deixe-me ir, Florian.

Pouca coisa era capaz de deixar meu sangue mais frio do que ele sempre foi. Nada mais me chocava.

Não me toque.

Belisquei a ponta do meu nariz e me inclinei contra a mesa.

"Como ela está?" Fume perguntou com contenção. "A equipe está falando, murmúrios sobre uma marca—"

"Então vá calá-los", eu disse entre dentes.

Ele se levantou da cadeira, e eu me endireitei da mesa para voltar para o andar de cima, sem saber como lidar com isso. Não totalmente certa de que eu tinha força para evitar lidar com isso da única maneira que eu sabia — derramando sangue.

Destruindo todos os roedores que sequer piscaram para minha esposa.

E Molkan...

"Quero que aquele palácio seja reduzido a nada além de pedras. Quero que seus restos mortais sejam irreconhecíveis e que a mancha de sua existência seja erradicada de todo esse maldito continente. Eu quero..." Meus ombros se ergueram com uma expiração violenta, meus pensamentos se desfazendo em sangue, fumaça e fúria enquanto eu lutava para inalar.

Eu pensei que sabia o que era ficar bravo. Eu pensei que sabia o que era ter meu coração roubado de mim para sempre. Afinal, essa tinha sido a razão de tudo isso. De cada coisa que eu tinha feito por vinte anos.

Eu pensei errado.

Minha inspiração queimou enquanto eu fervia, "Eu quero cada porra de alma que compareceu àquele baile—"

Fume interrompeu. "Flor, nos reuniremos com uma estratégia adequada—"

Levantei a mão quando minha coluna travou.

A energia dentro da sala tremeu e então parou com um traço de bergamota. "Oh, bom, você está aqui." Shole se materializou no escritório. "Não estava prestes a arriscar sua ira tempestuosa aparecendo em seus aposentos."

Ele caminhou até as poltronas e sentou-se na poltrona vaga ao lado de Fume, que lentamente sentou-se na sua novamente.

Shole reclinou-se e cruzou as pernas, afirmando sem um pingo de cautela, "Ouvi dizer que ela voltou." Uma rápida avaliação de mim, e ele estalou os lábios. "Certo." Ele esfregou sua cabeça quase careca e suspirou. "Tenho notícias sobre isso."

Fume falou antes que eu pudesse soltar meus punhos doloridos no rosto do mercenário. "Então compartilhe logo."

“Bem...” Shole apertou as mãos sobre o estômago. “Seu changeling foi marcado, como você sabe agora, então escoltado para além dos portões do palácio e forçado a andar nu sobre a ponte para a cidade.”

Eu não conseguia falar.

Não respirava porra nenhuma.

Shole continuou. “Minhas fontes ainda não têm certeza de como tudo isso aconteceu, pois há rumores de que Tullia passou alguns dias dentro do palácio ileso e até mesmo vagando pelos jardins com seu pai incrivelmente amoroso.” Ele levantou os ombros. “Suspeito que as coisas mudaram quando você revelou seu pequeno casamento secreto com Molkan ao solicitar o retorno de sua esposa.”

O arrependimento me atingiu novamente.

Shole garantiu que eu sentisse cada golpe. “A mobilização de nossos militares provavelmente não ajudou, embora algo me diga que essa pode muito bem ser a razão pela qual ela foi libertada.”

Fume xingou. Ele era um dos poucos que sabia sobre o casamento, e sabiamente não disse nada.

“A reação de Molkan a tais notícias quase confirma que Tullia deixou de mencionar que você não era meramente seu captor frio e astuto.” Shole fez um som de contemplação. “Portanto, dada a marca de traidora, talvez ela também tenha deixado de contar ao querido pai muito de qualquer coisa de seu tempo aqui na mansão.”

“Ela não sabia de nada”, eu disse, as palavras quase inaudíveis.

Ele coçou a bochecha. “Seja como for, ainda há informações a serem coletadas de suas rotinas diárias. Equipe, interesses, refeições...” Ele colocou a mão no colo novamente. “Você entendeu. Minha outra fonte, que devo admitir” — ele soltou uma risada áspera — “nem sempre é confiável, afirma que quem escoltou nossa rainha torturada até os portões não trancou suas algemas.”

Deixando-a livre para removê-los e se materializar nas terras do meio.

“De novo”, disse Shole. “Ele não é minha melhor fonte, mas, de acordo com minha *outra* fonte, Tullia realmente desapareceu poucos minutos depois de pisar na ponte do palácio.”

Fume franziu a testa. “Eles podem ter sido simplesmente negligentes em contê-la adequadamente após marcá-la.”

Lambi os dentes atrás dos lábios fechados e depois os cerrei.

Shole bufou. “Sempre o comediante, você é.”

“Vale a pena considerar”, argumentou Fume.

“Molkan é muitas coisas, mas descuidado nas ações mínimas que tomou depois de anos de nós o atormentando?” Shole bufou. “Eu acho que não, porra.”

“Então por que libertá-la?” Fume questionou, seu olhar sobre o carpete sob suas botas salpicadas de lama. “Pela primeira vez, ele teve a vantagem, independentemente de nossas forças avançando.”

O silêncio caiu.

Olhei para os mapas ao longo da parede. Os lugares que tínhamos mirado e as iscas de cera daqueles que planejávamos mirar em seguida.

Tinha planejado mirar em seguida.

O vendaval lá fora gritava mais alto. Esfreguei minhas têmporas. “Pela mesma razão pela qual ele não a matou quando ela era um bebê.”

Fume balançou a cabeça. “Idiota temente a deusa.”

“Ele já foi assassinado antes”, disse Shole secamente.

Enquanto a lembrança disso avançava para encontrar o presente, olhei ansiosamente para a porta. “Salvar a alma dele não conta.” Especialmente quando ele alegou que minha irmã foi enviada dos poços de Lugar Nenhum somente para condená-lo. “Mais alguma coisa?”, perguntei sem intenção de esperar por uma resposta.

Não havia nenhuma.

Eu tive que ir embora. Para colocar os olhos nela antes que o que me foi informado rasgasse minha mente e meu peito com garras afiadas o suficiente para criar outro erro colossal. Erros eram para os fracos, os desesperados e os vulneráveis.

Desde que Tullia chegou a Folkyn, perdi a conta de quantas vezes estive nos três lugares.

Um grito, fraco, mas sentido na medula dos meus ossos trêmulos, rompeu o feitiço de privacidade do escritório.

Fume praguejou quando deixei os guerreiros na sala que esfriava rapidamente e corri para o corredor.

“Ainda dormindo.” Olin me encontrou na escada. “Dei uma espiada assim que ouvi os primeiros gemidos.”

“O primeiro?” Olhei para o segundo lance de escadas em direção às portas abertas dos meus aposentos, tentada a rosar para ele por não ter me alertado antes. Ele estava a caminho para fazer exatamente isso, então mordi o interior da minha bochecha até sentir gosto de cobre.

O sorriso forçado de Olin aliviou suas feições tensas apenas uma fração. “Parece que foi só um sonho ruim.”

Eu pisquei.

A queimação no meu peito ameaçou se espalhar enquanto eu continuava subindo as escadas.

THREE

Túlia

A escuridão se desdobrou em faixas de luz crescente sobre a superfície da água.

Quando a luz se aproximou o suficiente para tocar, meus olhos se abriram.

Minhas pálpebras estavam pesadas, ásperas, e o quarto demorava a entrar em foco. O dia cortava o quarto entre as frestas das cortinas fechadas que cobriam a sacada. Um peso estava pressionado contra minhas pernas.

Olhei para baixo da cama e vi pelos brancos e olhos escuros.

Neve.

A loba levantou a cabeça e bocejou. Pelo que pode ter sido a primeira vez em dias, eu sorri. Um pouco do peso no meu peito se dissolveu quando a fera que tinha crescido ainda mais na minha ausência se moveu para mais perto da minha mão estendida.

Ela cheirou, talvez curiosa sobre onde eu tinha estado. Então ela cutucou com seu focinho molhado até que eu acariciei seu focinho.

Seguro. Por enquanto, eu estava seguro.

Mas nunca por muito tempo.

A razão para ambos dormirem na chaise. O que parecia ser uma escultura de gelo derreteu na mão de Florian. Uma adaga estava em seu colo. Uma perna esticada sobre a cadeira, a outra dobrada no joelho com o pé calçado firmemente no chão.

Seu pescoço estava inclinado em um ângulo desconfortável, expondo os hematomas dos meus dentes e boca. Uma camisa de seda limpa adornava seu corpo. A julgar por sua aparência e pelo gelo meio derretido, ele não pretendia dormir.

A escultura estava derretida demais para que pudéssemos saber o que ele havia feito.

Forcei meus olhos a desviarem-se daquele corpo de cortar o coração.

Uma pequena cesta de vime com suprimentos medicinais estava sobre as gavetas. Fora isso, tudo parecia inalterado. Olhei de volta para Snow e percebi que estava errado. Muita coisa havia mudado.

Sangue.

Ele marcou a cama em tantas manchas, que quase se assemelhava a um padrão intencional. Meu corpo parecia ter sido limpo, mas o sangue ainda permanecia sob minhas unhas. Ainda havia fios incrustados do meu cabelo.

Como se a visão disso tivesse apagado qualquer magia que a bruxa tivesse usado em mim, a dor no meu torso se transformou em uma pulsação borbulhante.

Snow cutucou minha mão, como se sentisse. Acariciei sua cabeça de forma tranquilizadora. “Tão grande agora,” sussurrei.

O volume da minha voz não importava.

Florian acordou com um xingamento e imediatamente se endireitou. Ele piscou amplamente, então se acomodou enquanto uma expiração áspera sacudia seus ombros largos. Ele passou os dedos pelos cabelos e me examinou da cabeça aos dedos dos pés cobertos. Minhas costas permaneceram expostas ao fogo, a roupa de cama manchada amassada diante dos meus seios.

Seus olhos encontraram os meus. Seus lábios se separaram, depois se fecharam. Ele não disse nada. Ele apenas olhou para mim.

Eu olhei de volta.

E conforme cada segundo que passava aquecia o ar congelado, eu perdia a força para suportar isso — a escuridão estrangeira que havia tomado conta daqueles olhos. A maneira como ela suavizava suas feições afiadas.

Rolar para encarar o fogo estava fora de questão quando a pulsação se intensificava a cada respiração. Em vez disso, dei minha atenção a Snow. "Você deveria ter me deixado nas terras do meio." Embora minha voz estivesse quebradiça, a emoção soou clara.

"Eu sei."

Por alguma razão estúpida, essas palavras doeram mais do que descobrir suas decepções. Doeram mais do que descobrir que não estávamos noivos, mas casados.

Marido.

Esse macho que mentiu para mim, que me manipulou para causar mais de sua amada vingança, e que tentou erradicar qualquer futuro que eu havia imaginado era meu marido. Mas isso não era tudo o que ele era.

Ele também era meu companheiro dotado de deusa.

"Mythayla pode ser mais cruel que você", murmurei secamente enquanto traçava as orelhas de Snow.

O familiar toque de Olin soou antes de Florian responder. Embora eu soubesse que, mesmo se tivesse a chance, ele não teria feito isso.

Este rei se recusou a reconhecer aquele espaço vazio dentro de seu peito que antes continha um coração batendo.

Florian se levantou e passou uma mão pelo cabelo novamente, sacudindo os restos da escultura da outra. Gelo caiu no chão em tinidos para derreter em pequenas poças.

"Eu sei que deveria ter deixado você em paz", ele disse enquanto alcançava as portas. Suas costas estavam viradas para mim, rígidas e sua camisa anormalmente amassada. "Mas embora eu me arrependa de várias coisas, não posso me arrepender de não ter feito isso."

Ele foi embora antes que eu pudesse exigir que me dissesse o que aquilo significava.

Eu não precisava saber, e não precisava lembrar que ele disse uma vez que não tinha capacidade para remorso. Eu só precisava me curar.

Então, independentemente dos planos que ele tinha para mim, eu o deixaria e Folkyn para trás.



Florian retornou em menos de uma hora.

O clique das portas se fechando abriu meus olhos, mas eu não estava dormindo. Agora que o que quer que a bruxa tivesse me dado tinha desaparecido, eu estava relutante. Com muito medo de retornar aos pesadelos dos dias anteriores.

Ele colocou uma bandeja contendo frutas, pão e uma garrafa de água na mesa de cabeceira. Servindo-me um copo, ele declarou: "Darva deixou remédios. Sais de banho que ajudam na cura e uma loção para acalmar." Ele colocou a água no chão e entrou no banheiro antes que eu pudesse dizer que não queria nenhum dos dois.

Não consegui imaginar nada tocando meu corpo machucado enquanto tentava alcançar o copo e estremei.

Enquanto a piscina gigante enchia, Florian retornou, limpando as mãos úmidas na camisa. Seu cabelo ainda estava solto e desgrenhado. Seu olhar endureceu com sua mandíbula quando ele olhou de mim para a bandeja de comida e água.

Ele xingou, como se estivesse se repreendendo interiormente.

Atordoado, observei com muito fascínio enquanto suas feições momentaneamente se reorganizavam em clara irritação antes de retornar à indiferença. No entanto, ele não era mais tão indiferente quanto eu acreditava. Sua fachada havia rachado.

Sem ousar dizer o motivo, eu disse: "Estou bem", quando ele ofereceu o copo de água.

Ele não se moveu, e eu também não.

O primeiro indício de um sorriso irônico iluminou seu olhar azul escuro. Ele colocou o copo na mesa e, antes que eu pudesse ler sua intenção, ele cuidadosamente me agarrou por baixo dos braços. "Coloque seu cotovelo abaixo de você", ele disse, e eu o fiz instintivamente.

Ele esperou enquanto eu respirava através da mordida de dor entre meus dentes, então me entregou a água. Eu a peguei, engolindo cada gota e me recusando a encontrar seus olhos satisfeitos.

Parecendo querer me irritar ainda mais, ele sussurrou: "Bom, borboleta." Ele me serviu outro copo, que eu relutantemente, mas avidamente bebi, e então ele o colocou na bandeja. "Hora de te limpar."

"Isso nunca vai acontecer", murmurei sem pensar.

Florian virou pedra ao lado da cama. Seu desejo de exigir que eu explicasse o que eu quis dizer com aquilo chamuscou como a ameaça de uma nova ferida.

Eu não contaria a ele. Não meramente por tudo o que ele fez, mas porque eu simplesmente...

Eu não consegui.

Não havia muito sentido em contar a alguém quando a notícia logo se espalharia. Se já não tivesse se espalhado.

Eu me empurrei mais para cima no meu cotovelo. Eu preferia me banhar nos sais medicinais do que suportar outro interrogatório de qualquer tipo nunca mais. Mas o suor imediatamente pontilhou minha nuca e testa enquanto cada centímetro do meu corpo protestava contra o movimento.

Snow saltou da cama um segundo antes de Florian remover a roupa de cama. Ela sentou-se perto das portas enquanto o ar queimava com o tipo de frio que o fogo na lareira não conseguia combater. "Eu consigo", eu disse, fracamente enquanto Florian gentilmente deslizava seu braço por baixo das minhas pernas.

"Coloque seus braços em volta do meu pescoço."

Sem olhar para ele, eu disse: "Prefiro não fazer isso."

"Acho que você está mentindo."

"Acho que você gostaria de pensar assim."

Sua mandíbula se firmou mais uma vez, o gelo endurecendo suas feições. Mas ele se abaixou, e eu sabia que discutir era inútil. Eu não podia negar que lavar os resquícios do que meu pai me fez passar também era atraente demais para resistir.

Então coloquei meus braços em volta do seu pescoço.

Eu sabia que doeria. O que eu não estava preparada era para o quão pior seria — estar em seus braços agora que o terror e a adrenalina tinham ido embora e tudo o que restava éramos nós.

Agora tudo o que restava era um tipo diferente de tormento que nenhuma bruxa poderia curar.

Seus passos até o banheiro pareciam cuidadosos. Então ele avisou: "É melhor acabar logo com isso", antes de fazer exatamente isso.

Eu estava sentada no degrau de pedra dentro da piscina, minhas costas livres da borda e a água subindo para lambeir minha carne ferida. Uma respiração sibilou entre meus dentes, minhas pernas tremendo. Meus braços pareciam vergonhosamente fracos quando tentei cobrir meus seios, embora eu não tivesse certeza do porquê de me incomodar.

Ele já os tinha visto antes. Ele já tinha me visto por inteiro antes.

Muitas pessoas já tinham me visto por inteiro.

Arrependimento, tristeza e vergonha invadiram meu peito e aumentaram meus batimentos cardíacos.

O som de roupas batendo no chão de pedra interrompeu minha espiral. Florian entrou na piscina do outro lado, sem usar nada. A visão foi quase o suficiente para me distrair dos sais espumantes lavando minhas costas. Quase.

Engoli em seco e desviei o olhar.

Sem sentido.

Ele andou direto até mim. A piscina ainda estava enchendo, a água mal cobria seu pau. Ele não estava ereto.

Tolamente, não consegui deixar de me perguntar se isso era porque ele sabia. Mesmo quando a parte racional da minha mente tentou me lembrar que ele não tinha nenhuma boa razão para estar excitado, já que eu não estava em condições de foder. Eu estava com dor e coberta de restos de sangue e vômito.

"Olhe para mim", disse Florian.

As palavras familiares afundaram em meu coração e puxaram. Um comando que meus olhos não queriam desobedecer.

Ele ficou bem diante dos meus joelhos enquanto eu tremia e rangia os dentes contra a picada dos sais curativos. Ele estudou meus olhos, minha boca, e quando seu olhar caiu mais baixo, ele parou na marca na minha garganta. A cicatriz em formação deixada por seus guardas.

Guardas que agora estavam mortos.

Ele desviou o olhar e limpou a garganta. "Posso te limpar?"

"Importaria se eu dissesse não?"

Seu olhar se voltou para o meu, desgosto franzindo suas sobrancelhas escuras. "Você pode fazer isso você mesmo, é claro, embora vá me doer ver você lutar."

“Certo.” Forcei uma risada sem humor. Meus dentes batiam. “Não gostaria de impedi-lo de tarefas mais urgentes de mutilar e conspirar para arruinar mais vidas.”

Algo brilhou em seu rosto, brevemente, afrouxando seus lábios.

Não consegui decidir o que era, e como o arrependimento que eu não deveria sentir tomou conta, decidi que não queria saber. “Tudo bem”, eu disse, grossa e incapaz de encontrar seus olhos. “Você pode.”

Embora ele continuasse a me encarar, eu olhava para a janela que se estendia por toda a extensão da piscina. A cada segundo que passava, eu ficava mais tenso. Eu sentia mais vergonha, e eu odiava isso. Eu o odiava, e eu tinha todos os motivos sob os céus para isso.

Mas eu não o odiava o suficiente.

Eu certamente não tinha tanto medo dele quanto deveria, principalmente considerando tudo o que eu tinha suportado.

Talvez eu não tivesse mais isso em mim. A habilidade de me importar. O espaço para temer muito de qualquer coisa quando tudo já doía além das palavras — por dentro e por fora.

A apatia não conseguiu impedir meu corpo de se aquecer e ignorar a dor quando Florian pegou a escova da cesta atrás de mim e começou a esfregar o sangue debaixo das minhas unhas. Ele fez isso diligentemente e gentilmente, seus olhos focados e seu silêncio queimando.

Ele então estendeu a mão sobre mim para devolver a escova. Ele afundou de volta na água com um pano, um pente e uma pequena xícara de lata. Eles estavam colocados ao nosso lado na borda da piscina. “Você consegue se virar?”

Senti seu desejo de me ajudar quando me virei, com suas mãos pairando.

Mas ele esperou, então cuidadosamente juntou meu cabelo longo. “Incline sua cabeça para trás para mim.”

Eu fiz, e ele colocou água no copo. Ele levantou os fios pesados, certificando-se de que tinha molhado completamente meu cabelo antes de pegar uma barra de sabão.

Seus dedos eram talentosos demais, esfregando meu couro cabeludo com uma perícia que relaxou e aliviou um pouco da tensão persistente. Sempre o rei calculista, ele escolheu então me interrogar. “Você não quer falar.”

“O que há para dizer?”

“Talvez seja demais”, disse ele, quase em tom de provocação.

Era verdade, mas não importava. Eu tinha toda a verdade que sempre precisei e todas as respostas que eu tolamente ansiava. Tudo o que eu desejava agora era uma vida tranquila longe do que eu tinha encontrado, e escapar dele antes que ele tornasse isso impossível.

Infelizmente, mais uma vez fiquei preso a esse macho que era mais inimigo do que companheiro. Então decidi agradá-lo e à minha própria curiosidade. “Quem é Darva?”

“Ninguém sobre quem eu tenha permissão para falar.”

Claro, pensei ironicamente.

Diante da minha zombaria, ele explicou: “Não porque eu tenha mais alguma coisa a esconder, mas porque é a pedido dela que ninguém sabe como encontrá-la”.

“Mas você a encontrou.”

“Fume fez isso”, ele corrigiu. Então, com um toque mais firme, ele acrescentou: “Ele é o único nesta corte que sabe como alcançá-la. Deve continuar assim.”

A bruxa tinha me prestado um grande serviço, e parecia que tinha sido um risco para ela fazer isso. Eu poderia me render a isso. “Okay.”

Florian não disse mais nada enquanto enxaguava o sabão do meu cabelo. Não ousei olhar para a água, que provavelmente estava imunda.

Eu não queria falar. Certamente não com ele. Mas eu estava aqui sendo cuidada por uma razão. Eu ainda respirava por uma razão, e não podia me permitir acreditar que era meramente porque a deusa havia forçado o vínculo de acasalamento sobre nós.

“Você quer saber quais são os planos de Molkan,” eu disse, um sussurro enquanto a sonolência tomava conta. “Quantos guardas ficam de guarda nessas torres e vagam pelos terrenos—”

“Eu não preciso saber, Tullia. Nem me importo.”

“Mentiroso,” eu disse, mas era fraco. Eu era tão fraco pra caralho. “Você quer que eu fale.”

Teria sido sensato manter minha boca fechada. Para evitar que ele conseguisse o que precisava de mim antes que eu estivesse curado o suficiente para escapar dele.

“Eu faço.” Ele penteou meu cabelo, tomando cuidado para não tocar na pele arruinada das minhas costas. “Mas você entendeu errado sobre o que eu quero falar.” Meu peito apertou quando ele acrescentou com um murmúrio baixo, “Talvez intencionalmente.”

Não havia utilidade em evitar a verdade que me assombrava. Nenhuma boa razão para suprimir o desejo de ouvi-la dele. Eu tinha que fazer isso. Eu precisava da reação dele. Eu precisava saber o que esperar enquanto eu estava mais uma vez à sua mercê.

Incluindo quanto tempo eu teria antes que alguém tentasse acabar com minha existência ou me machucasse novamente.

“Você vai me matar, Florian,” eu sussurrei. “Você deveria ter me matado.”

Seus dedos pararam, mas apenas momentaneamente. “Acabei de limpar sangue e deus sabe o que mais do seu cabelo, doce criatura. É assim que um macho trata alguém que deseja matar?”

Ignorei o aumento do padrão no meu peito. “Sim, na verdade. Um predador que gosta de limpar sua comida antes de comê-la.”

Ele riu, e o som baixo e inesperado cortou a tempestade dentro de mim. “Eu pretendo comer você.” Sua boca caiu na ponta do meu ombro, roçando minha pele com suas palavras. “Quando você decidir, você me terá.”

Volte para seu marido miserável. Nem ele a terá agora.

Fechei os olhos contra a queimadura das lágrimas e o calor crescente. Eu não podia me dar ao luxo de me importar se ele falava a verdade, mesmo que eu sentisse. Mesmo que eu estupidamente quisesse acreditar. “Eu quero saber, Florian.”

Eu precisava saber.

Ele parou de desembaraçar meu cabelo. Um momento depois, meu queixo estava preso.

Ele virou minha cabeça e esperou até que eu arrastasse meu olhar de sua boca para seus olhos. “O momento em que coloquei meus olhos em você foi o momento em que soube que nunca poderia acabar com sua vida.”

Meu coração disparou.

“Então você *planejou* .” Eu não tinha duvidado desde que soube disso — ainda assim eu queria. Mesmo agora, eu queria desesperadamente.

“Eu sempre deveria te matar, borboleta.” Seus cílios escuros mergulharam, seu polegar lustrando meu lábio inferior. “Mas agora, eu vou te trazer os restos de qualquer um que tentar.”

Esperei pelo alarme. Que aquela ferida profunda causada por suas traições se abrisse e sangrasse novamente. Esperei e encarei, absorvendo a convicção sincera pontuada por seu olhar inabalável, mas nada aconteceu.

Seus dedos se afastaram quando me virei sem pensar. Minhas feridas baliram. Ele fez uma careta quando eu estremei e olhei para ele. "As cabeças decepadas."

"Um presente." Seu rosto não estava tocado pela água, mas sua expressão era limpa — surpreendentemente aberta e quase esperançosa. "Embora eu entenda que você não se importa nem um pouco com isso agora."

Ele estava certo.

Ele também estava errado.

A morte de Zayla, Fellan e do motorista deveria ter evocado culpa. Em vez disso, me senti aliviada e um pouco irritada. Irritada por não ter testemunhado o mesmo medo que eles me infundiram antes de suas vidas serem tiradas.

Afastei o pensamento violento quando Florian saiu da piscina e enrolou uma toalha em volta da cintura tensa.

Descaradamente, observei a água deslizar por suas costas largas enquanto ele pegava mais duas toalhas e saía da câmara. Ele retornou segundos depois e ofereceu sua mão.

Músculos e ossos protestaram quando eu o peguei e me levantei. Meus braços se enrolaram em volta do pescoço dele quando ele me pegou atrás dos joelhos. Seu antebraço apoiou meu traseiro, e sua mão, a parte de trás da minha cabeça.

Uma toalha foi estendida sobre a pedra diante do fogo. Ele me abaixou até ela, então dobrou outra em volta do meu peito e ombros.

Cuidadosamente, segurei-o ali e encarei as chamas. "Por que ele simplesmente não me matou?"

Os passos de Florian pararam. "Pela mesma razão pela qual ele detesta os alimentadores de sangue." O silêncio que seguia sua resposta continha a emoção que suas palavras não tinham.

Isso confirmou minha crença. Molkan não me matou pelo mesmo motivo que matou sua companheira — seu vício — para proteger sua alma de ser reivindicada pelos poços de Nowhere.

A prole era uma bênção dada pela deusa da criação.

E agora eu aprendi que ser considerado como tal não garante nenhuma forma de amor.

Depois de cuidar da piscina, Florian colocou a bandeja de comida na minha frente.

"Provavelmente é muito cedo para a loção. Sua pele ainda está muito machucada."

Um alívio, pois eu não conseguia imaginar outra coisa tocando nele.

"Coma", ele disse. "Ou você gostaria que eu te alimentasse?"

Embora seu tom fosse provocador, eu sabia que ele não tinha escrúpulos em me deixar inteiramente à sua mercê de todas as maneiras possíveis.

"Não estou com fome."

Ele estava parado na porta da sacada, seu olhar mais quente que o fogo. Continuei observando as chamas com as pálpebras pesadas.

"Mais um pouco de água, então", ele murmurou.

Balancei a cabeça, e ele exalou bruscamente. Outra batida quebrou a tensão crescente, essa diferente das batidas de Olin.

Florian se agachou ao meu lado, seus dedos alcançando minha bochecha. Fechei meus olhos quando eles fizeram contato. Seus nós dos dedos roçaram, então ele moveu meu cabelo molhado para meu ombro. “Tente comer alguma coisa. Eu volto em breve.”

“Não há necessidade”, eu disse asperamente, mesmo com o peito apertado.

“Discordo, meu adorável mentiroso”, sussurrou o rei.

Ele se levantou, ainda vestindo apenas uma toalha, e saiu de seus aposentos.

Era estranho detestar e desejar sua presença, e detestar e desejar estar sozinho.

Incapaz de tirar os olhos do fogo, e com medo de quanto doeria voltar para a cama, não me mexi até que a condensação salpicou a garrafa sobre a bandeja de comida intocada. Eu preendi um gemido atrás dos dentes enquanto subia nas minhas mãos e joelhos para rastejar até a cama.

Florian retornou poucos minutos depois de eu ter conseguido subir nele.

Embora meus olhos estivessem fechados, ele sabia que eu estava acordada. Ele não disse nada, e eu escutei enquanto ele se abaixava na chaise. O calor de sua atenção era inabalável.

Um conforto que não deveria ser.

Ele não foi embora.

Ele observou o sono ir e vir em explosões intermitentes de olhos azuis, céus de primavera e sangue pingando nas pontas das botas.

FOUR

Túlia

Os dias se misturaram em uma coleção de dores diferentes.

Se a causa tivesse sido apenas meus ferimentos, talvez tivesse sido mais fácil de suportar. Sonhos não eram mais sonhos, mas pesadelos. Sempre pesadelos. Eles me seguiram até as horas de vigília, e essas poucas horas foram gastas revisitando-os.

Revisitando tudo.

Distância não importava. Um reino diferente não poderia impedir Molkan de me alcançar. A tortura era uma constante que eu esperava com terror silencioso.

Assim como as visitas do rei aos seus aposentos.

Se ele dormia, não era na cama dele — da qual eu não tinha energia nem inclinação para sair para os quartos que ele uma vez me dera. As vezes em que o peguei dormindo tinham sido na chaise e com a adaga de cabo preto em suas mãos ou nunca muito longe dela.

A luz da manhã entrava pelas frestas das cortinas.

O rei permaneceu na sombra sobre a chaise, acordado e tomando chá enquanto lia um documento. Sua forma imponente estava curvada para frente, o pergaminho entre seus joelhos e seus antebraços apoiados em suas coxas.

Pela primeira vez desde que voltei para a mansão, seu cabelo estava arrumado e preso na nuca. Isso permitia muita visão de seu perfil perfeito, aquele maxilar que ele balançava levemente enquanto franzia a testa para algo que lia.

“Chá?” Florian perguntou sem tirar os olhos do pergaminho.

Eu me empurrei para cima, apoiando-me nos cotovelos. O movimento era mais fácil, mas tudo ainda estava muito sensível. Ainda dolorido e muito frágil. Eu detestava isso. Talvez quando a dor cessasse, os pesadelos e as memórias perseguidoras pudessem seguir o exemplo.

“Não, obrigada”, eu disse, um pouco sem fôlego enquanto pegava o copo de água.

Estava sempre cheio. Sempre havia algo fresco para comer ao lado, embora eu tivesse comido pouco.

Fiquei tentado a perguntar o que ele estava lendo. Presumi que era um negócio real, e não podia me permitir fazer isso. Esquecer quem ele era e o que ele poderia fazer se eu baixasse minha guarda tanto quanto antes.

Libertando meus membros da cama, rapidamente balancei minhas pernas para o lado da cama. Meus dentes cerraram quando então me levantei.

Florian não se ofereceu para ajudar. Não depois que eu disse a ele para não fazer isso nos dias seguintes à sua captura. Ele observou, no entanto, enquanto eu caminhava para o banheiro.

Ele sempre assistia, porra.

Fechei a porta, sabendo que isso o deixaria irritado.

Depois de me aliviar e jogar água no rosto, apoiei as mãos na pia para recuperar o fôlego. Para me lembrar de que eu estava bem, e que o espelho prateado e dourado que abrigava meu reflexo era apenas um vislumbre de quem eu era agora.

Não permanente.

Meus olhos se ergueram da cicatriz em minha garganta para a menor em minha bochecha, causada por uma mão enfeitada com anéis que havia atravessado aquela gaiola para me bater.

Meu dedo tremeu quando pressionei o pequeno ponto de pele levantada.

O riso ecoou como um sino distante no vento. Uma canção de perseguição ganhando volume.

Minha respiração ficou mais rápida, mais difícil. Meus pulmões se apertaram, o enorme banheiro agora de repente muito pequeno, muito fechado—

A porta se abriu.

Florian se inclinou contra a moldura de madeira. Suas feições estavam calmas, imóveis, mas sua garganta se afundou duramente quando ele engoliu em seco. Ele estudou meu reflexo, e eu me perguntei se ele via a mesma coisa que eu. Me perguntei se ele conseguia ver o sentido em manter algo muito adulterado para ser domado.

“Venha para fora comigo, borboleta.” Não foi um pedido. Em vez disso, um comando suave.

Ar fresco. Espaço aberto.

Ele sabia que eu precisava disso. Podia sentir isso, talvez.

O medo impediu que minhas mãos soltassem seu aperto inflexível na bacia. Medo de mais olhares curiosos e sondadores. Medo de mais inimigos desconhecidos e inesperados à espreita.

Medo de esquecer que não se pode confiar em ninguém nessas terras malditas.

Meu aperto na porcelana aumentou, meus dedos protestaram. Não falei, não tinha certeza se conseguiria, enquanto desviei meus olhos do reflexo dele no espelho e olhei para as gotas de água restantes.

Por fim, balancei a cabeça, presumindo que ele iria embora.

Ele não fez isso.

Seu calor gelado se aproximando se espalhou pelas minhas costas, um cobertor e um laço.

Ele parou ali e estendeu os braços ao meu redor. Enquanto ele corria a água, seu braço roçou meu quadril. Ficou ainda mais difícil respirar. Ele estava muito perto. Ele era demais.

Ele era a razão pela qual eu estava feito em pedaços, e eu só esperava que o tempo consertasse.

Mas eu não podia ter esperança. A esperança me machucou mais. Talvez mais do que as criaturas que roubaram minha habilidade de acreditar nela.

Gentilmente, meus dedos foram arrancados da borda da pia. Eu estremei, e ele me silenciou. “Aqui”, ele sussurrou, juntando minhas mãos. Ainda de pé atrás de mim, ele as segurou sob a água. “Sinta.”

“Frio”, eu disse, estupidamente e sem querer.

Florian cantarolou, as mangas da camisa encharcadas. Ele não pareceu se importar. Ele virou minhas mãos, permitindo que a água escorresse sobre cada palma.

Gradualmente, meu batimento cardíaco diminuiu. Assim como minha respiração.

Ele pressionou a boca no meu ombro nu. Ousei outra espiada no espelho para descobrir que seus olhos estavam fechados, mesmo enquanto seus polegares acariciavam minhas mãos molhadas sob a água. Seu cheiro era mais inebriante, as notas terrosas mais fortes.

Se o arrependimento tivesse uma fragrância, então talvez ele a usasse.

Mas eu não conseguia acreditar que ele fosse capaz, já que não demonstrou empatia nem remorso durante o tempo em que o conheci.

“O que você pretende fazer comigo, Florian?” Eu não conseguia entendê-lo, e tentar não tinha me servido bem até agora.

Nunca aconteceria, eu sabia, enquanto seus olhos se abriam para encontrar os meus no espelho. “O que você permitir.”

Somente quando tudo que eu conseguia sentir era ele, tudo que eu conseguia ver eram aqueles olhos cor de meia-noite, e tudo que eu conseguia ouvir eram aquelas palavras, é que ele pareceu se forçar a ir embora.

Quando voltei para o quarto, Florian estava saindo. “Sei que roupas ainda podem ser desconfortáveis, mas sugiro que se cubram”, ele disse, enrolando as mangas molhadas. “Você tem uma visita que está me importunando há dias para vê-la.”

As portas se fecharam antes que eu pudesse dizer que não queria visitas.

Mas ele sabia que eu não sabia.

Irritado e inquieto, voltei para a cama do rei e para debaixo das cobertas.

Não adiantava ficar imaginando quem queria me ver. Eu não tinha pensado que alguém iria querer. Então, quando Gane recebeu a entrada de Florian alguns minutos depois, eu quase sentei em choque.

O rei disse ao goblin: “Lembre-se do que eu lhe disse.”

Gane fez uma reverência e, depois de me olhar por um momento, Florian saiu e fechou as portas.

De todas as perguntas que eu tinha, a primeira que me perguntei foi: “O que ele te disse?”

Aparentemente estupefato com o ambiente, o bibliotecário da cidade de Crustle agarrou os suspensórios que amassavam sua camisa xadrez. Ele se virou para um lado e para o outro, absorvendo o luxuoso quarto com grandes olhos amendoados.

Imaginei que ele ficaria atordoado.

Ele estava nos aposentos privados de um rei.

Finalmente, ele balançou a cabeça e se arrastou para mais perto da cama. Suas feições peludas se enrugaram com o que parecia muito com preocupação enquanto ele me dava uma rápida inspeção. “Flea, meus céus. Não consigo começar a expressar como—”

“O que ele te disse?” perguntei novamente.

Gane franziu o cenho. Aliviou-se quando ele estudou meu rosto. “Não para ficar muito tempo nem te causar nenhum aborrecimento.”

Eu bufei, mas quando olhei para a criatura que tinha sido minha única amiga, minha irritação diminuiu. A apatia retornou quando comecei a perceber que isso não era uma visita. “Ele te enviou para espionar para ele de novo, não foi?”

Ele puxou os suspensórios, indignado. “Sua Majestade não me pediu tal coisa.”

“Sua Majestade precisava mesmo disso?”, perguntei, tentada a desviar o olhar de seus olhos escuros e encará-lo no teto.

“Pulga.” Gane suspirou e apertou suas mãos nodosas diante de si. “O rei está simplesmente preocupado. Assim como eu. O que você passou—”

“Quanto tempo?”, perguntei, cansado de dançar em torno de verdades desenterradas. Ele sabia o que eu queria dizer, então não disse nada.

“Você realmente se importou?” Eu sabia que a pergunta era redundante. Eu sabia que estava atacando. Gane se importava, embora a possibilidade de eu ter estado completamente sozinho nas terras do meio por todos aqueles anos sem saber...

Ela tinha o poder de apagar o último resquício de cor que a escuridão deste mundo ainda não havia tocado.

“Não seja absurdo, Flea.” Sua voz ficou áspera. “O fato de você me perguntar algo tão horrível só torna a grave preocupação do rei compreensível.”

“O rei que você serviu por anos, o tempo todo fingindo expulsão de Folkyn.” Fiz uma pausa intencional e então acrescentei: “Aquele rei?”

Gane parecia prestes a resmungar ou rosnar para mim como se eu fosse um jovem fazendo bagunça em sua biblioteca novamente. Seu nariz se contraiu, e ele recolocou seus óculos.

“Recebi permissão para sair.”

“Contanto que você permanecesse leal ao seu rei.”

“Céus ardentes, Flea.” Ele bateu o pé.

Eu quase ri.

A visão disso pareceu acalmar sua frustração. Seus lábios finos se contorceram, sacudindo suas bochechas avermelhadas. “Não tenho permissão para falar do acordo entre o rei e eu, mas posso prometer que falei sério quando avisei para você não vir aqui.”

“Melhor ainda para Florian me incluir em seus planos quando ele assim o desejasse, se eu ficasse onde estava.”

“Posso querer você seguro e ao mesmo tempo cuidar das tarefas que me foram atribuídas.”

Como sempre foi com as fadas — os infinitos significados duplos e enganos.

Apertei o travesseiro sob minha cabeça. “Por que você veio aqui?”

Ele franziu a testa, como se fosse uma pergunta idiota. “Eu queria ver por mim mesmo que você está bem. Você me aterrorizou. O que Molkan fez com você—” Ele parou quando meus olhos se fecharam. “Desculpas, Flea.”

“Está tudo bem,” eu menti. “Eu só estou...” Eu engoli. “Cansado.”

“Então vou me despedir.”

Mantive os olhos fechados e não protestei.

Gane não se moveu. “As respostas que você procura só podem ser encontradas com o rei.” Seu tom suavizou. “Só saiba que eu nunca quis esconder nada de você, e nunca estive totalmente ciente de suas intenções.”

Ouvi seu caminho arrastado até as portas, com o cheiro da biblioteca, queijo e tinta deixando um rastro dele.

Melancolia e nostalgia arrancaram meu coração. Lágrimas queimaram quando abri meus olhos e me virei para encarar o lustre. “Sinto muito, Gane.”

Ele parou. “O que diabos é isso?”

Tudo, eu não disse. Pois embora eu tivesse tanto arrependimento intransponível, havia também tanta coisa da qual eu nunca poderia me arrepender. Não importa o quão errado.

Se algo acontecesse comigo, eu não queria que ele acreditasse que eu nutria algum sentimento ruim por ele depois de deixar minhas emoções tomarem conta de mim.

“Por falar com você de forma tão terrível.”

Ele zombou. “Você ainda não conheceu nenhum outro goblin, então.”

Mordi meus lábios para não sorrir, mas olhei para ele. O sorriso suave que iluminou seus olhos molhados embotou alguns dos resquícios afiados em meu peito. "Guarda um pouco de chá e queijo para quando eu voltar?"

Ele riu com vontade e agarrou as maçanetas da porta. "Veremos." Ao sair, ele murmurou secamente, "Não conte com o rei deixando você vagar muito longe de novo, Flea."



Mãos estendidas, tapas ardentes e o cheiro da minha própria carne queimando me tiraram do sono.

Acordei com um grito para os olhos azuis. Florian pairava sobre mim, meu rosto em suas mãos. A respiração expandiu meus pulmões muito rápido, meu peito subindo e subindo e quase explodindo.

"Devagar", ele disse. "Expire."

Eu fiz. Não foi o suficiente. A sala girou ao meu redor, seus olhos eram a única quietude a ser encontrada.

"Sinta," ele disse, seu polegar roçando minha bochecha. Sua outra mão alisou meu cabelo suado da minha testa.

Olhei fixamente em seus olhos.

Azul. Azul profundo, sem profundidade, que distrai.

Ele estava de joelhos ao lado da cama e, quando minha visão clareou, notei as linhas finas nos cantos dos seus olhos. Ele sorriu, acariciando minha testa, mas seus lábios estavam apertados, assim como sua mandíbula. De qualquer forma, a visão disso me distraiu ainda mais.

Minha respiração se normalizou.

Então me lembrei da visita de Gane. Lembrei de tudo que essa criatura tinha feito para destruir a vida que eu tinha acabado de começar a viver. Segurei suas mãos e as tirei do meu rosto. Embora ainda estivesse sensível, virei de costas para encarar as velas no lustre.

"Não posso forçar você a falar comigo," Florian disse, agora de pé. "Mas eu gostaria que você falasse."

"E eu gostaria de viver uma vida da minha própria escolha", eu resmunguei. "Vinte anos, e isso ainda não aconteceu."

Seus passos para longe da cama tornaram-se cadenciados. Aquele frio cruel retornou à sua voz. "Estou mantendo você cativa, borboleta?"

Engoli em seco, o som alto em meus ouvidos. "Eu vou embora, Florian," jurei, e me virei para olhar para ele. "Eu tenho que ir, e você tem que me deixar."

"Eu faço?" Ele levantou uma sobrancelha, caminhando lentamente de volta para a cama. "E depois o quê?" Ele pareceu provocar com um brilho familiar nos olhos. "O que acontece então, criatura ousada?"

Eu não sabia.

Eu não tinha ideia do que aconteceria, e ele sabia. Então eu não disse nada.

Novamente, ele se abaixou ao lado da cama. Eu quase estremeci quando ele estendeu a mão para prender meu cabelo atrás da orelha. Ele traçou o arco, então meu maxilar, seus olhos se arrastando e brilhando na escuridão escovada pela lua.

Sua voz era quase um sussurro. "Corra e se esconda de mim se for preciso, borboleta." Ele se inclinou para pressionar seus lábios no canto da minha boca, seus olhos brilhando e perfurando os meus. "Deixe meu pau ainda mais duro do que você já faz."

Eu me virei, enojado. Principalmente comigo mesmo, pois meu corpo esqueceu cada um de seus atos atroztes em um instante.

Sua risada rouca me assombrou enquanto ele me deixava fervendo de auto-aversão.

FIVE

Floriano

O sono era atormentado, mas ela precisava dele.

Embora a maior parte tenha sido raspada de sua pele e retirada de sua carne, restos de ferro permaneceram, retardando o processo de cura.

Era um tipo estranho de tortura, vê-la sofrer, suar e gemer de medo e horror. Observar e saber que eu não conseguiria fazer isso parar. Tônicos só faziam tanto por tanto tempo.

Evitar era inútil.

Ela teve que revisitar seus pesadelos uma e outra vez. Para curar de todas as maneiras, Darva tinha me avisado quando eu pedi outra reunião para ajudar Tullia. Embora eu soubesse, isso ainda me esfolava pra caramba.

Ela tinha que encarar isso, ou isso a consumiria. Destruiria ela.

Então fiquei de guarda. Esculpi as esculturas de gelo favoritas de Lilitha enquanto ruminava sobre todas as maneiras pelas quais eu dizimaria Molkan Baneberry.

A hora da brincadeira acabou.

Tudo o que ele valorizava, tudo o que seu ego prezava, morreria uma morte dolorosa com ele.

A respiração de Tullia mudou, mas eu não olhei para ela. Dei a ela a ilusão de privacidade enquanto ela abria aqueles grandes olhos escuros e imediatamente verificava se eu estava aqui.

Nos últimos seis dias, ela fez isso.

Eu não tinha nenhuma vontade de deixá-la saber que eu estava ciente. Principalmente porque eu temia que ela parasse, e eu gostava disso. Não, eu amava pra caralho. Que eu era a única coisa que ela procurava assim que abria os olhos.

Ela podia dizer a si mesma que era porque eu era outra ameaça, e ela tinha aprendido que essas estavam à espreita em todos os lugares. No fundo, ela sabia que era mais do que isso.

Como de costume, ela não falou. Minha companheira me estudou, então a escultura de gelo em minhas mãos.

Se ela falava, geralmente era uma farpa para provocar ou uma resposta direta aos meus pedidos para que ela comesse, bebesse e falasse comigo.

De tudo, isso foi o que mais me arruinou.

A criatura que eu havia enganado e roubado já havia sido preenchida com admiração, esperança e perguntas. Um espanto sem fim que deveria ter me irritado infinitamente. Em vez disso, acendeu um desejo de olhar o mundo do jeito que ela olhava. De um jeito que me fez ver coisas que eu não via há muito tempo, e como nunca tinha visto antes.

De um jeito que me fez querer que ela me perguntasse tudo o que havia debaixo do céu.

Ele tirou isso dela. Molkan.

Um crime que pareceu pior do que aqueles que ele cometeu para nos trazer aqui. Meu pai me ensinou a torturante arte da paciência. Em todas as coisas, cuidado meticuloso e determinação nos dariam o que desejávamos. Minha paciência nessa busca por vingança, cada estratégia cuidadosa e plano perfeito, me entregaram algo imprevisto. Algo que nenhuma quantidade de vingança poderia substituir. Algo insuportavelmente inestimável. Uma fraqueza, Fume havia avisado. Eu discordei, embora talvez ele estivesse certo. Pois minha paciência já estava perigosamente esgotada. Fiquei de pé e gentilmente coloquei a escultura de rosas na bandeja sobre a mesa de cabeceira. A adaga também, como fazia sempre que saía dos meus aposentos. O olhar de Tullia me perseguiu até as portas, como fazia sempre que ela estava acordada.



Shole esperava no cadáver em decomposição de uma taverna. “Você tem dez minutos”, eu disse em jeito de saudação. Teias de aranha subiam pelas prateleiras de madeira atrás dos balcões, as garrafas de vidro cobertas de poeira e as taças de vinho manchadas pelo tempo e pelo abandono. O macho que ganhou a reputação de companheiro mais próximo da morte e o melhor amigo e pior pesadelo de toda criatura de alto escalão não se importou. Ele se serviu da mesma garrafa de uísque que bebia quando precisávamos nos encontrar em privacidade. “Generoso da sua parte, sua frieza.” Fora da cidade, perto dos arredores da vila de Morning Frost Valley, a taverna ficava no meio de um conjunto de prédios destruídos pelo fogo. Viajantes e cônjuges infiéis eram os únicos a frequentar a escala de dois andares. Então eu a comprei há uma década do barman que virou fazendeiro e lavou as mãos dela. “Você nunca deixa de me enojar.” “Algumas coisas estão destinadas a ter um gosto ótimo para sempre”, Shole falou lentamente e tomou outro gole. Ele limpou a boca com a manga da túnica e então tampou a garrafa. “A última das unidades retornará aos seus postos até o fim de amanhã.” Peguei o banquinho frágil que ficava na metade do balcão em relação ao dele. “Embora se você me perguntar...” Ele se virou para mim. “Parece um terrível desperdício de recursos e energia para trazê-los de volta, apenas para inevitavelmente mandá-los de volta para Baneberry.” “Não haverá guerra.” Palavras que nunca pensei que diria, muito menos que ficaria em paz com o pensamento. Infelizmente, eu encontraria outra maneira de tirar tudo de Molkan. Uma maneira que não envolvesse ficar sem minha esposa por semanas a fio até que tudo estivesse dito e feito. Eu não a arriscaria, e não deixaria nossos militares cuidarem de nossos planos sem mim. Shole fez uma expressão estranha, como se estivesse esperando a piada. Então ele bufou. “Muito engraçado.” “Ainda não o fiz saber.” Olhei-o fixamente nos olhos. “Então, mantenha a boca fechada.” Ele bateu os nós dos dedos no balcão. “Nós estávamos tão perto. Nossa rainha estava bem ali...” Ele assobiou e olhou para o teto.

"E agora, felizmente, ela não está mais." Meu tom sugeriu que ele não falasse mais sobre isso, e eu lhe dei um momento para digerir.

Um momento foi tudo o que ele precisou. "O goblin tem alguma notícia?"

"Nenhum." Para minha irritação, Gane não havia arrancado nada de Tullia sobre o que havia acontecido naquele palácio miserável.

Eu acreditava que ele tinha falado a verdade. Não só porque eu tinha aprendido suas falas durante os anos em que ele vinha me reportando, mas também porque eu confiava que ele se importava muito com minha esposa relutante. Ele a trairia se achasse que isso a ajudaria — para que eu pudesse ajudá-la.

Só que Tullia não queria minha ajuda. Ela só queria a liberdade de me deixar.

Se ela realmente quisesse isso, então talvez eu considerasse dar a ela. Um dia. Talvez. Agora mesmo, com a fatia percebida de vitória de Molkan pairando sobre nossas cabeças, ela estava mais segura comigo.

Um fato que ela sabia, não importa o quanto ela me odiasse.

Se não fosse pela desconfiança dela, pelo medo recém-descoberto deste mundo ao qual ela um dia desejou desesperadamente pertencer, eu tinha certeza de que ela já teria tentado fugir.

Eu não conseguia imaginar retornar à mansão para descobrir que ela tinha sumido de novo. A mera lembrança de não encontrar nada além do cheiro dela e do lobo em pânico me deixou doente de novo.

Antes que eu pudesse me materializar de volta aos meus aposentos para ter certeza de que ela ainda estava lá, Shole falou. "Houve mais conversas sobre o que aconteceu na cidade antes de ela se materializar nas terras do meio."

Eu esperei.

"Supostamente, Molkan fez um discurso impressionante ao exilá-la do palácio", ele disse. "Carregada através da água de uma torre de guarda. Algo sobre informar seus cidadãos que Tullia era uma traidora enviada para enganá-lo em seu nome."

Meus dentes rangeram. "Não me surpreenderia se ele realmente acreditasse nisso."

Shole esfregou os pelos quase prateados sobre o maxilar.

Havia mais, é claro, e tal hesitação era muito diferente dele. O mercenário gostava de falar quase tanto quanto gostava de livrar as pessoas de suas entranhas.

"Sua incapacidade de fazer as palavras saírem da sua boca em tempo hábil está começando a irritar", eu disse entre dentes, extremamente agitado pelo pensamento de Tullia nua, aterrorizada e pingando sangue nas ruas da cidade.

Olhei para as manchas de bebida no balcão de madeira e fixei meus olhos em cada uma delas para não arrancar a informação dele e poder ir embora.

Sua risada foi breve e seguida por um suspiro. "Aquela fonte não confiável tinha mais a dizer, mas sobre o discurso feito durante o baile. Ele alegou ter ouvido rumores de Molkan dizendo a todos os presentes que Tullia foi enviada para lá para espionar."

Olhei feio, pois ele já tinha dito isso.

Shole ficou tenso. "É sob o pretexto de casar com uma delas."

O banco caiu no chão enquanto eu me levantava, a raiva instantaneamente fez meu sangue ferver. As persianas das janelas rangiam com o uivo do vento lá fora.

Shole levantou as mãos. "Olha, eu tinha toda a intenção de compartilhar isso, mas não era o momento, e eu queria ter certeza. Já que ouvi histórias semelhantes, convoquei esta

reunião. Eu também acreditava que você poderia ter se acalmado.” Ele me olhou incisivamente. “Parece que eu estava enganado.”

Eu avancei. “Você se enganou em não me contar em primeiro lugar, porra.”

Seu banco rangeu no chão de madeira podre quando ele se levantou.

Eu o empurrei, rosnando: “*Quem?*” Meus dedos se curvaram quando ele cambaleou para trás, e eu me lembrei de que conhecia esse canalha desde que eu era um idiota maduro que entrava furtivamente na cidade para me divertir depois de escurecer.

Além disso, eu não podia matá-lo. Eu precisava dele.

Ele escovou sua túnica cinza-azul. “Não faço ideia, Flor. Vou descobrir.” Seus lábios se contraíram. “Mas vou levar meu doce e fodido tempo se entrarmos em uma briga, e você sabe disso.”

De fato, o babaca nunca se importou com quem eu era. Se eu o irritasse, ele me irritaria ainda mais.

Dei um passo para trás e então andei de um lado para o outro.

A raiva não diminuía. Minha bota colidiu com uma cadeira coberta de teias de aranha embaixo de uma mesa. Ela quebrou contra a parede e caiu em pedaços no chão.

“Pode ser outra das mentiras de Molkan. Quanto ao que mais aconteceu dentro do Palácio Baneberry, posso continuar caçando”, disse Shole. “Mas ninguém saberá melhor do que seu companheiro, Florian.”

Ele era um dos poucos que conhecia o vínculo de acasalamento.

Aqueles perto de nós quando estávamos próximos podiam sentir isso, e aqueles dentro da minha propriedade fizeram juramentos de segredo antes de serem autorizados a respirar perto da minha casa. Embora não importasse agora que Molkan tinha feito vários movimentos tolos, eu ainda achava melhor não perturbar ainda mais minha criatura espalhando a notícia.

“Continue caçando.” Continuei andando de um lado para o outro.

“Com um pouco de paciência, ela—”

“Ela não fala comigo.” As palavras explodiram com uma expiração irregular. Meus dedos arrastaram pelo meu cabelo, arrancando-o do laço na minha nuca. A tira de couro caiu no chão. Eu a deixei lá. “Ela me odeia.”

“Claro”, Shole disse secamente. “É exatamente por isso que ela olha para você como se nunca tivesse visto um homem antes.” Ele se serviu de mais uísque, bufando antes de tomar um gole. “Olhos grandes de corça e tudo.”

Meu peito apertou.

“Se você quer minha opinião espetacular, e nós dois sabemos que você quer.” Ele tomou um gole. “Ela provavelmente odeia precisar odiar você, mas ela não o faz. Com o tempo, ela vai se curar e falar sobre isso.” Ele arrotou. “Mas você já sabe disso, e você está impaciente.” Seu olhar acompanhou meus passos por segundos silenciosos. Ele deduziu, “Você se culpa.” Parei na janela fechada com tábuas. Através de um buraco feito por um punho, olhei para a neve se acumulando ao redor dos restos de um prédio do outro lado da rua coberta de escombros. “Os ferimentos dela são resultado dos meus fracassos.”

Tantas pequenas falhas em relação a ela que, no final, criaram um erro intransponível.

O mercenário bufou, colocando a garrafa no chão com um baque. “E você acredita que ela te culpa também.” Não é uma pergunta.

Tullia me culpou, e com razão.

"Se eu a tivesse deixado nas terras do meio, ela não saberia de nada disso." Ela nunca saberia do horror que agora a perseguia.

me reconheceria .

Um pensamento insuportável, mas que guerreava dentro de mim toda vez que eu a via se debater e choramingar durante o sono. Eu nunca poderia me arrepender de tê-la tomado. De conhecê-la. De fazê-la minha. Mesmo que isso significasse enganá-la uma e outra vez.

Mas eu me arrependeria para sempre de tudo o que aconteceu com ela por causa das minhas buscas incansáveis.

Em algum lugar entre encontrá-la na casa de prazer e cuidar do calor, algo havia mudado. Agora, essa mudança batia forte dentro do meu peito com uma força que crescia a cada dia. Eu não podia mais ignorar isso, e isso não poderia ser desfeito.

A única opção era a rendição.

Claro, eu tinha sido muito teimoso. Muito distraído pela batalha interna para notar as ameaças que me aguardavam e que quase tiraram Tullia de mim. Muito longe para perceber o quão facilmente ela poderia escapar dos meus dedos e cair nas mãos de Molkan. "Desculpe ser o portador de más notícias." O tom de Shole deixou claro que ele não estava nem um pouco arrependido. "Mas temo que você não possa reivindicar vitória sobre isso, sua frieza. De uma forma ou de outra, ela teria chegado até Folkyn, e Molkan teria afundado seu veneno nela."

Meus olhos se fecharam.

Ele pode ter razão, mas não me importei em discutir mais sobre isso. Eu já estava longe da mansão há tempo suficiente. "Acabou o tempo."

Shole bufou novamente enquanto a escuridão se envolvia e começava a arrancar partículas de poeira do quarto rançoso. "Todos esses anos dedicados a encenar vingança para não perder nenhum detalhe, mas você não tem um pingo de paciência no que diz respeito a essa sua esposa."

Palavras mais verdadeiras nunca foram ditas.

SIX

Túlia

S agora cobria os piquetes vazios e se acumulava na sacada.

Frost agarrou-se à porta diante da qual eu estava com um cobertor frouxamente agarrado ao meu peito, atraído pelos tons dourados da tarde. Minha respiração embaçou o vidro enquanto eu absorvia a propriedade inundada pelo inverno.

Antes de eu sair com os guardas que tentaram me matar, Kreed disse que o inverno estava descongelando. Eu mesmo já tinha visto isso. Então, embora cativado pela beleza, não pude deixar de me perguntar o que havia mudado.

Durante todo esse tempo, uma cutucada consciente cutucou meu intestino.

Tudo parecia exatamente como era quando cheguei em Hellebore, mas nada era remotamente o mesmo. O mundo havia se tornado opaco. O cinza englobava tudo o que antes brilhava tanto — que antes brilhava com promessas.

Eu não queria ficar.

E eu não tinha vontade de me mudar.

As portas se abriram. O cheiro intenso de Florian se misturou com algo estranho. Algo mofado. E licor.

Meu tom era tanto plano quanto sarcástico. “Tem visitado mais casas de prazer?”

Ele entrou em seu camarim sem hesitar em seu passo. Um farfalhar seguiu enquanto ele descartava seu casaco. “Uma taverna abandonada, na verdade.”

Surpreso por ele ter me dito onde estava, quase me virei para olhar para ele. Em vez disso, tracei a adaga que fiz da névoa da minha respiração no vidro. “Ouso perguntar o que um rei todo-poderoso pode estar fazendo em tal lugar?”

Ignorando meu sarcasmo, ele respondeu imediatamente. “Encontro com Shole.” Ele acrescentou firmemente, “A taverna deve ser mantida em sigilo absoluto. Apenas ele e um dos meus generais sabem que eu sou o dono e uso o espaço.”

Chocado novamente, meu dedo parou.

Vagamente, lembrei-me do homem de quem ele falou. Cabelo prateado e não muito. Volumoso e intimidador enquanto ele me encarava com olhos azul-gelo no saguão antes do Festival do Gelo.

“E agora eu.” Eu exalei sobre o vidro e desenhei a rosa que Florian gostava de esculpir em gelo. “Por quê?”

Talvez ele tivesse mentido. Não seria a primeira vez que ele esconderia a verdade dentro de raciocínios e explicações elaboradas.

“Você perguntou”, ele disse de forma muito simples, sua voz agora mais próxima.

Minha espinha endureceu—com sua resposta e sua proximidade. “Mentiroso.”

Florian bufou, o som mexendo com meu cabelo enquanto ele estava atrás de mim. "Você vai me odiar ainda mais se eu admitir que também anseio por alguma honestidade sua?"

"Certamente." Embora a palavra não tivesse desprezo, não tivesse verdade. Se alguma coisa, era um conforto. Ele estava atrás de uma troca, o que significava que ele poderia ter sido genuíno em compartilhar seu paradeiro, afinal. Cavei um pouco mais fundo para testar. "Quem é esse Shole para você?"

Dedos cuidadosos passaram pelos cabelos nas minhas costas. Ele os moveu para meus ombros para inspecionar a monstruosidade curadora de tinta escura. Suas mãos pairaram sobre a carne elevada e macia da marca. Arrepios irromperam, como se a pele ferida buscasse seu toque.

Com aquela calma fria, ele murmurou: "Um amigo".

Eu tremi, apesar de não querer. "Não é preciso se encontrar em segredo com alguém que é apenas um amigo."

"Ele também é um guerreiro habilidoso e assassino com conexões profundas." Ele cantarolou. "Ele forma uma crosta bonita."

Meu nariz enrugou com isso. "Legal", eu disse com uma risada áspera. Antes que Florian pudesse dizer outra palavra sobre a cobra que eu carregaria para sempre comigo nas costas, eu limpei minha garganta. "Seu amigo é um caçador para você, então."

"Como você se tornou astuta, borboleta."

"Não." Achatei minha palma sobre o vidro e espalhei meus dedos, estragando os rabiscos que fiz. "A estupidez foi meramente espancada para fora de mim até meus olhos se abrirem corretamente."

O ar ficou gelado.

Tanto que quase me virei para ele, em busca de calor. Apertei o cobertor sobre meu peito enquanto sua energia — seu desprazer — se tornava uma geada mordendo minha pele.

Ele colocou as mãos sobre meus ombros. Letalmente quieto, ele perguntou: "Ele bateu em você?"

Dei de ombros e me afastei do toque dele, caminhei até a outra porta de vidro e abri as cortinas.

Florian entendeu a indireta e não seguiu. Eu esperava que ele fosse embora para cuidar de seu reino devastado pelo inverno e de seus planos hediondos. Eu meio que esperava que ele fosse. Não só para que ele parasse de me causar tumultos que eu não estava mais preparado para lidar, mas porque eu também estava começando a desejar mais do que escapar de Folkyn.

Eu queria que seus planos fossem postos em prática. Eu queria alívio. Eu queria um novo tipo de liberdade. Uma que eu sabia que só seria encontrada com as notícias da morte de Molkan Baneberry.

Eu precisava que o pai que destruiu todos os meus sonhos pagasse pelo que ele fez.

Florian parecia ter desejos diferentes.

"Tullia." Uma agressão que poderia ter sido confundida com angústia aprofundou sua voz.

"Você acha que eu não vejo você chorar e tremer em seu sono?"

Atordoadado, soltei as cortinas que estava segurando com muita força, mas não ousei olhar para ele. Olhar para ele revelou uma fraqueza que eu nunca consegui superar quando se tratava dele.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Wrath of the Damned"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).